

# Meio milhão de mortos | Pedro Tierra

19/06/2021

---

Não haverá reserva de pranto suficiente para lavar essa dor. E a que ainda nos espera. É necessário converter o sal das lágrimas na semente capaz de germinar em uma nova nação. A negação criminosa da pandemia destruiu a quimera de um destino comum. Que incluísse os pretos, os pardos, os pobres. A raça de cobre que nos precedeu e a conquista colonial exterminou. O que fazer com os sobreviventes? Todos nós que cumprimos a parcela de vida que nos cabe nesse território, falando a mesma língua que de algum modo organiza e exprime o que pensamos ou sentimos, devemos responder:

## Que país seremos

### depois das valas comuns?

Ao fim do segundo verão da peste,  
se desata o tempo das valas comuns.  
Cavadas por uma guerra surda  
contra os que, ao nascer,  
não trouxeram nome.  
Ou tiveram seus nomes  
cobertos pela cal viva  
dos nomes de santos:  
os que morrem de bala ou vírus  
nos morros, nas favelas, nos cortiços:  
os pretos, os pardos, os pobres,  
os que não deveriam ter nascido...  
Para que deles não reste memória  
no coração dos filhos  
– ou das testemunhas –  
e dos que insistem em nascer  
durante e depois da pandemia.  
E nenhuma voz se levante,

tardia

e se atreva a cobrar do Poder

o que foi fruto da fatalidade...

Para que só restem cinzas,

varridas pelo vento e o olvido.

Afinal, não é hora de apontar o dedo

e buscar culpados...

No país do esquecimento

nunca é hora de nomear culpados.

Assim será mais uma vez...

Para que deles não reste memória.

Que país seremos depois das valas comuns?

- ***Pedro Tierra*** é um poeta brasileiro.

Brasília, 19 de junho de 2021 (Segundo dia do Levante contra o genocídio).



Compartilhe nas redes: